

\\ Entrevista



com

Cláudia Schiedeck Soares de Souza

reitora do IFRS no período de 2009 a 2015

Viviane Silva Ramos

pró-reitora de Extensão do IFRS de 2011 a 2018

10 anos de Viver IFRS: a história da extensão da instituição

Entrevista

Alessandra Aragón Nevado e Rossana Zott Enninger

Criada em 2013, a “Viver IFRS” retrata a trajetória da Extensão no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul. Em seus 10 anos, falou de inclusão e acessibilidade, de internacionalização, empreendedorismo, meio ambiente e sustentabilidade, de ações afirmativas, dos desafios e perspectivas da extensão e sua curricularização e, durante a pandemia, como se reinventou e contribuiu no combate à Covid. O ser extensionista e o fazer a extensão nas comunidades dos seus 17 *campi* estão nos

diversos relatos de experiências de servidores e estudantes da instituição.

Para refletir sobre isso, a Revista Viver IFRS traz nesta edição uma entrevista com professora Cláudia Schiedeck Soares de Souza, reitora do IFRS no período de 2009 a 2015, e a professora Viviane Silva Ramos, pró-reitora de Extensão do IFRS, de 2011 a 2018. As primeiras gestoras do IFRS, hoje aposentadas, relataram como surgiu a Revista Viver IFRS, a construção das primeiras edições e a participação da comunidade acadêmica na constituição da revista.

Revista Viver IFRS - A revista tem como objetivo principal divulgar as ações de extensão desenvolvidas pelo IFRS nas suas comunidades de abrangência. Por que criar e desenvolver uma revista que contemplasse as ações de extensão do IFRS? Como surgiu e qual foi a participação da gestão nesse processo?

Viviane Silva Ramos - A revista surgiu com esse objetivo principal, divulgar as ações de extensão desenvolvidas pelo IFRS nas suas comunidades de abrangência. Eu cheguei na Pró-reitoria de Extensão (Proex) em outubro de 2011, como pró-reitora e no dia 26 de outubro daquele ano foi sancionada a lei do Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (Pronatec). Neste momento, generosamente me disseram: toma que é contigo. Além de ter que aprender tudo da extensão, já que eu recém tinha saído de uma direção-geral de *campus*, que é completamente diferente, tive também que tocar um programa do porte do Pronatec, que cada vez crescia mais. A coordenação geral do Pronatec foi assumida pela professora Tânia Jurema Flores da Rosa Aiub, naquela época do *Campus* Osório e hoje do *Campus* Viamão. Com a vinda dela para a Proex iniciou-se a divulgação do Pronatec e se percebeu a dificuldade de explicar o que era o Instituto, de apresentá-lo para as comunidades, de divulgar nossos cursos em unidades remotas, que eram cursos fora de sede. Por ser o Instituto muito novo, ninguém sabia nada, ninguém conhecia os Institutos Federais. Com esse problema, ela sugeriu: “Vivi, quem sabe criar um portfólio?”. A ideia era essa, “um portfólio de



📌 **Figura 1.** Professora Cláudia Schiedeck Soares de Souza, reitora do IFRS no período de 2009 a 2015. Fonte: Acervo pessoal.



📌 **Figura 2.** Professora Viviane Silva Ramos, pró-reitora de Extensão do IFRS, de 2011 a 2018. Fonte: Acervo pessoal.

ações de extensão, para mostrar para essas comunidades o que era o Instituto Federal e o que a gente estava fazendo”. Essa ideia me abriu uma luz, porque além desse objetivo que ela trouxe, eu pensei que era uma ótima alternativa para mostrarmos para nossa instituição o que é a extensão. Até então os Institutos Federais, as instituições federais da rede faziam o ensino muito bem, de muita qualidade e um pouquinho de pesquisa. Mas a extensão era uma novidade e, por ser novidade ela era deixada em segundo plano, não só pelo IFRS, mas pela rede federal toda, pelo Conif, que é o Conselho Nacional das Instituições da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica. Nos sentíamos desprestigiados, vamos dizer assim. Então, essas duas necessidades foram importantes para criação da revista. E paralelo a isso, eu participava de dois fóruns de pró-reitores de extensão, um que era o nosso, do Conif e da Rede Federal, que é o Forproext, e o Forproex, que é o Fórum dos Pró-reitores de Extensão das Instituições Públicas de Educação Superior Brasileiras e abrange todas as universidades federais, estaduais. Os institutos participavam desse fórum como convidados. O Forproex, fórum mais antigo e mais maduro, estava naquele momento discutindo a questão das revistas de extensão, comentando que, como a proliferação de revistas científicas de extensão foi muito grande, acabou-se perdendo qualidade e não se estava tendo material para abastecê-las, porque cada universidade tinha a sua revista que podia ser aberta para qualquer pessoa escrever o seu artigo científico. Eram muitas revistas científicas e estavam achando que algumas teriam que fechar porque não tinham artigos que dessem conta para montar as publicações. Com a nossa necessidade de divulgar a instituição, de valorizar a extensão, e ao mesmo tempo de não criar uma revista científica, porque o fórum estava nos pedindo isso, pensamos que uma revista de divulgação das ações de extensão, só com relatos de experiências, e alguns artigos de entrevistas com convidados, era um modelo que viria a calhar para a nossa demanda. A Viver IFRS foi criada para essa finalidade e surgiu como uma ideia da professora Tânia, conversando com as comunidades de abrangência do IF e a gestão. Qual foi a participação da gestão nesse processo? Quando a

Tânia trouxe a ideia, a gestão da pró-reitoria de extensão a abraçou e conseqüentemente a gestão do IFRS, com a professora Cláudia como reitora, que abraçou também, porque ela avalizava todas as minhas decisões.

Cláudia Schiedeck Soares de Souza - Eu me lembro quando a Viviane veio me falar da revista, porque nós estávamos em um momento de constituição dos Institutos Federais, nós tínhamos pouca vinculação com a identidade dos IFs. Nós tínhamos muita vinculação ainda com as identidades de *campus*, com a cultura institucional de *campus*, que sim, faziam alguma coisa de extensão, mas nada sistematizado. Quando a Viviane trouxe a ideia, eu disse que era ótima porque nós poderíamos sair do amadorismo, da falta de sistematização e passar justamente a trazer para as pessoas os relatos de experiências vividos pelas comunidades, mas de uma forma já mais sistematizada. Porque isso que a Viviane coloca é real. Nós não tínhamos nada quando começamos, não tínhamos regulamentação de extensão, pesquisa, ou de ensino. Cada *campus* fazia de um jeito, não tínhamos nada unificado, processos unificados. Sertão trabalhava com extensão, mas trabalhava dentro da sua lógica, da sua comunidade, Bento Gonçalves a mesma coisa. Eu percebi ali uma grande oportunidade para começarmos a desenvolver a extensão dentro do Instituto Federal e dar visibilidade para isso de uma forma não necessariamente científica, mas mais acadêmica, mais formalizada. Porque isso também é importante. Não é só ter uma ideia, é importante que as pessoas saibam que você tem um projeto, você tem que apresentar isso para o *campus*, tem que pensar em resultados, porque senão fica muito amador, e queríamos dar um outro caráter para isso. Então, eu não conheço, não sei como estão as experiências no resto do Brasil, mas eu lembro que na época isso foi uma inovação também para dentro do Instituto Federal. Muita gente tinha pensado em revistas acadêmicas, científicas, de pesquisa, mas pouco se pensava na questão da extensão.

Viviane - Complementando, nós não queríamos uma revista que poucas pessoas tivessem acesso, que fosse uma leitura chata, monótona. Queríamos uma revista de fácil leitura, que estivesse espalhada por todos os nossos *campi*, nos vários setores, nos nossos parceiros, nas prefeituras, secretarias de educação dos municípios de abrangência, nas instituições que tínhamos parceria em função do Pronatec. As revistas com edições impressas, as dos primeiros quatro volumes, tinham uma temática norteadora que não necessariamente eram tema da revista, mas da entrevista e do artigo. Ela tinha que ter essa amistosidade com o público, que o público gostasse de ler, que fosse uma leitura aprazível, cativante. Nesse sentido, não podia ser uma revista científica, tinha que ser uma revista no estilo magazine.

Viver - Na primeira edição da revista, Cláudia falou que a rede, por completar a 5 anos em dezembro de 2013, estaria em um período de necessidade de discussões, diálogos e de se pensar sobre "o que somos e o que queremos ser". E destacou a necessidade da participação de todos na construção da identidade da instituição. Qual a importância dessas reflexões e do servidor se sentir parte da construção dessa instituição e dessa revista?

Cláudia - Na realidade, eu vou começar por mim, mas acho que essas são reflexões que cabem ainda hoje, porque a verdade é que o Instituto não é um projeto acabado e se você não tiver reflexão e não tiver senso de pertencimento, o que vai acontecer é que você fragiliza a cada crise política, a cada crise econômica que tem no país. As ameaças que a educação pública, em especial os Institutos Federais sofrem, são enormes. Portanto, obviamente acaba tendo solavancos e alguns desses solavancos você pode inclusive desvirtuar o caminho. Com isso eu quero dizer, eu acredito que o Instituto Federal

nasceu com um objetivo, com um foco, que é extensão, pesquisa, ensino articulados e também muito vinculado ao ensino médio integrado, que é isso que faz a diferença. O que a gente ouviu fora dos muros do Instituto Federal é que nossos alunos egressos do ensino médio são alunos diferenciados nas universidades. Eles fazem a diferença, eles são diferentes. Eles chegam sabendo o que é um projeto, sabendo fazer extensão, sabendo o que é pesquisa, eles vêm com um cabedal de informações e de conhecimentos muito superior, muito acima da média dos outros alunos que ingressam nas universidades. E por isso eles são reconhecidos, muitos deles têm destaque nas universidades onde estão. Então, quando eu falo em reflexão dos servidores é em cima dessa prática, é fazer com que o servidor olhe para as experiências, para que olhe aquele projeto de extensão e possa se perceber ali e perceber o seu *campus* numa oportunidade como aquela. “Eu tenho aqui uma situação que eu poderia, de repente, fazer um projeto de extensão e desenvolver isso com os meus alunos, nesta comunidade”, pode não ser com o mesmo tema, porque depende muito da conjuntura de cada *campus*. Mas a verdade, é que sem reflexão a gente será meramente um reprodutor do que tem no sistema, do que o sistema nos apresenta. Então nós precisamos refletir. Claro, a revista não foi a única ação prática que se colocou de reflexão sobre a questão dos institutos, teve o SAS, que era justamente aquele seminário de integração, seminário de discussão entre os servidores de todos os *campi*, que a gente conseguiu fazer duas vezes. Mas que não prosperou porque não tínhamos mais recursos, entramos numa fase de contenção de recursos e não conseguimos mais depois realizar. Assim, não basta nos transformarmos ou transformarmos a nossa prática em uma réplica das universidades federais, porque isso não nos garante sobrevivência. Nós seremos só mini universidades, e nós não queremos isso. Nós queremos ser uma experiência inovadora de ensino, e para isso precisamos fazer com que todos reflitam, com que os servidores se qualifiquem, que eles possam em suas práticas refletir sobre suas ações. E para isso precisamos criar meios para que eles também expressem para toda comunidade os resultados e as suas próprias reflexões. A revista acaba sendo meta reflexiva, porque ela mostra a reflexão que o servidor fez ao longo do seu projeto de extensão e isso acaba gerando nas outras pessoas que leem também um processo de análise. Então eu acho que essa é a base do projeto do IF. É podermos fazer esse tipo de ação, ou de prática, que faça com que o Instituto cresça em termos pedagógicos, em termos de reflexão científica.

Viviane - A identidade da instituição tem que ser sempre construída e reforçada. Nós que estávamos presentes nas discussões iniciais da concepção dos IFs, sabíamos qual era, porque o Instituto estava vindo. Nós sabíamos o que o Instituto tinha que ser, o que ele precisava cuidar, de que forma ele podia ser diferente das universidades. Não era uma proposta igual a das universidades, não era uma mini universidade, como a Claudia falou. Nós sabíamos, mas a comunidade acadêmica não sabia. E como a comunidade acadêmica, os servidores técnicos administrativos e os professores, especialmente os professores, vêm da universidade, eles querem reproduzir o que eles viram na universidade, a formação deles é essa e era preciso mostrar uma outra forma de fazer ensino, pesquisa e extensão que não é a forma que a universidade faz. Outra coisa que eu queria comentar sobre a questão da identidade é que a gente precisava que os servidores entendessem a função institucional e vestissem a camiseta, se sentissem parte do Instituto. Só assim eles iriam defender a instituição em qualquer situação de ameaça, como a Claudia bem falou. E nesse ponto entra o ensino médio integrado e a extensão, porque é pelo ensino médio integrado e pela extensão que a comunidade externa defende o projeto dos Institutos Federais, que é quem recebe o atendimento. É pelo ensino médio integrado porque os pais são muito presentes, e além de tudo que a Claudia já elencou, traz os pais para dentro da instituição. E a extensão traz a comunidade, aquela que está sendo atendida lá, aquela vila, aquele bairro, aí eles conhecem um outro viés da instituição e são eles que vão defender o projeto dos Institutos Federais em qualquer situação de caos político ou econômico. Então essas são as reflexões

que são importantes e a revista favorece isso, porque a partir do momento que você publica o que está fazendo na instituição, está mostrando para a comunidade interna, para os colegas de outros *campi* e para comunidade externa, o que é o Instituto Federal.

Viver - Como surgiu o nome da revista e qual é a relação dela com o 2º Seminário Anual de Servidores (SAS) do IFRS?

Viviane - A primeira edição da revista foi uma edição especial, porque ela não era uma revista de extensão, ela foi só um registro do 2º SAS. A ideia da revista foi lançada no 2º SAS. Inclusive, no 2º SAS os servidores puderam escolher o nome da revista e o layout da capa da revista. Então aquela capa impressa em vermelho que vocês conhecem dos quatro primeiros números, foi uma escolha dos servidores que estavam presentes no seminário. Tínhamos várias opções e um painel eletrônico para as pessoas votarem. No final do evento apuramos o resultado e o nome vitorioso foi “Viver IFRS”. Queríamos passar uma ideia de que o IFRS era a vida do servidor e a extensão também, claro. E aquele layout, com o tempo, fomos aperfeiçoando. Fomos para o Portal de Periódicos depois que a revista passou a não ser mais impressa e então nossos colegas, o programador visual Oberti Ruschel do Amaral e a publicitária Mariângela Barichello, fizeram um novo layout para revista, uma nova concepção. O nome e o layout da revista são escolhas dos servidores da época no segundo SAS.

Viver - E nessa primeira edição o que apareceu foi uma cobertura do evento?

Viviane - A primeira edição, como era um lançamento e nós precisávamos registrar aquele evento, usamos a revista para divulgar tudo o que tinha acontecido, ele ficou como um documento histórico daquele evento. Depois, a partir do segundo número, ela começou a cumprir o seu papel.



📌 **Figura 3.** Viviane apresentou no 2º SAS o resultado da votação dos servidores que definiu o nome da revista como “Viver IFRS”.

Fonte: Departamento de Comunicação (2013).



📌 **Figura 4.** Cláudia conduziu a plenária para socialização das conclusões das mesas temáticas e o encerramento do 2º SAS.
 Fonte: Departamento de Comunicação (2013).

Viver - Na segunda edição da revista, em 2014, Viviane salientou: “[...] a Viver IFRS, que chega a você, leitor, é fruto do trabalho voluntário e comprometido de um grupo de servidores que compõem a Comissão Editorial que a idealizou, dedicando uma significativa parcela do seu tempo no planejamento, na organização e na elaboração deste e dos próximos números”. Viviane também reforçou que a proposta da revista só seria possível e lograria êxito se a comunidade acadêmica extensionista, composta de docentes, técnicos administrativos e estudantes abraçasse a ideia e encarasse o desafio de abastecê-la com a divulgação de seus trabalhos. Quais foram os principais idealizadores da Viver IFRS? A comunidade acadêmica abraçou essa ideia? Qual a importância da participação dos estudantes?

Viviane - Os principais idealizadores foram a Tânia, que trouxe a ideia, com apoio da gestão. De certa forma a comunidade abraçou a ideia, porque conseguimos fazer. Nós não conseguimos fazer como ela tinha sido projetada, com edições semestrais, mas não porque a comunidade acadêmica não abraçou, não é isso, mas porque não tínhamos fôlego. A Pró-reitoria e o comitê editorial não tinham fôlego para montar. É um trabalho bem puxado, não tínhamos condições, tínhamos poucos servidores, não tinha ninguém responsável unicamente pela revista, como acho que tem hoje. A Silvia Schiedeck, responsável pela Viver IFRS ao longo do tempo em que eu estive a frente da Pró-reitoria de Extensão foi uma pessoa muito importante nesse processo, mesmo ela não estando na Pró-reitoria de Extensão, estando no departamento de Comunicação. Ela era a pessoa que centralizava, que coordenava tudo. Nós não tínhamos sistema na época, era tudo por e-mail. Era a Silvia que controlava os e-mails, mandava para o avaliador, mandava de volta, ela que conduzia isso muito bem, um trabalho louvável. A comissão editorial era a comissão que selecionava o que era plausível para entrar na revista, o que estava de acordo com a concepção da revista. Vinha muita coisa que não tinha nada a ver com extensão, que não tinha a ver com relato de experiência, que eram artigos científicos

mesmo. As pessoas queriam publicar, elas tinham essa necessidade de publicar, por conta da própria avaliação da carreira, então a comissão editorial fazia esse filtro. Uma representante do comitê de extensão na época era a professora Cibele Schwanke, já falecida, que fazia um trabalho maravilhoso, porque ela era talvez, naquele momento, a pessoa que mais entendia de extensão no IFRS. Ela foi escolhida pelo comitê de extensão para ser a representante do comitê. Tinha o pessoal da Pró-reitoria, o pessoal da Comunicação, enfim, esse era o comitê editorial na época, que trabalhava de forma muito comprometida, muito dedicada e voluntária. Porque na verdade o envolvimento deles, a atribuição de cargo deles não era essa, isso tudo era feito às vezes até extra horário. Sobre a importância da participação dos estudantes, é para eles que existe a instituição. E a extensão tem que ser vista como um pilar fundamental na formação dos estudantes. O estudante extensionista, a exemplo do que a Cláudia falou antes dos alunos do ensino médio integrado, tem uma outra qualidade de formação. Ele enxerga o mundo de um outro prisma, é completamente diferente do estudante que não faz extensão, que não está com o pé na comunidade, que não sente os problemas que existem fora da instituição. Então a participação dos estudantes é muito importante. Acho que os estudantes precisam participar muito, sempre. Que bom que a gente tivesse ações de extensão para todos os estudantes participarem, que contemplassem todos, infelizmente não temos. E o aluno que faz extensão tem um outro olhar para tudo, seja no esporte, nas artes, na cultura, no meio ambiente, em qualquer área que ele atue da extensão, em qualquer eixo da extensão que ele atue, ele é muito diferenciado dos demais.

Viver - De acordo com o Portal de Indicadores da Extensão do IFRS (ifrs.edu.br/extensao/acoes-de-extensao/indicadores), em 2010 foram realizadas 273 ações de Extensão na instituição. Em 2013, ano da primeira edição da revista, foram 443 ações, com um acumulado de 1.557 ações desde 2010. O número de ações em 2020, último registro apresentado, foi de 611, com um acumulado de 5.446. Como a revista tem colaborado para divulgar essas ações ao longo dos 10 anos?

Viviane - A extensão cresceu muito, ela foi institucionalizada, ela ganhou orçamento próprio, ela passou a ter regulamentação para tudo, porque era tudo feito sem sistematização como a Claudia falou.

Cláudia - Era no amadorismo, não no amadorismo, eu diria no espontaneísmo, “ah eu quero fazer um projeto e vou fazer”.

Viviane - Os eventos, por exemplo, não eram registrados. Eles eram criados assim, “ah vou fazer uma palestra para alunos sobre determinado tema” e não se registrava nem certificava. Então tudo isso, que não tem nada que ver com a revista, mas a gente foi organizando, implementando essas regulamentações e é claro, a extensão começou a ter forma, a ter corpo, a ser importante tanto no contexto institucional quanto na formação dos estudantes. E também teve aquela questão que a gente estava sujeito a receber orçamento em função do que produzia na extensão. Nós estávamos nos preparando para esse momento, que era receber recursos da matriz Conif, conforme a nossa produção interna. Tínhamos um problema nesse sentido que era a sistematização. Cada um usava um sistema diferente, a gente usava o SIGProj, em outros institutos era outro sistema. Então tínhamos essa dificuldade de resolver a questão da confiabilidade dos dados, pois eram sistemas diferentes. Tudo isso foi um conjunto de iniciativas que construímos e a revista deu conta de dar visibilidade, de motivar. Todo mundo começou a ver que era importante não só fazer, como registrar o que se faz, tanto no sistema acadêmico que a gente usava quanto na revista. Muitas coisas as pessoas até não

registravam, não temos relatos para todas essas ações ao longo dos 10 anos, mas acredito que as mais importantes estão registradas.

Viver - Como vocês avaliam que a diversidade dos *campi* tem colaborado para o desenvolvimento de uma instituição plural e como isso foi retratado ao longo dos anos na revista?

Cláudia - Na realidade, o nosso grande desafio enquanto instituição sempre foi dar conta da diversidade dos *campi* e da relação com as suas comunidades, porque quando a gente olha para um *campus* como Viamão, Restinga, Ibirubá, Bento, Caxias, Erechim, Rio Grande, Farroupilha... cada um está inserido em uma comunidade, cada um com seus problemas e as suas dificuldades e a sua diversidade. Porque nós vivemos numa situação que cada um acha que é o mais importante, acha que o seu *campus* tem o pior problema do mundo, precisa de mais recurso para extensão, mais recurso para pesquisa, mais recurso para isso, essa é a disputa do cotidiano da gestão do Instituto Federal. E qual é a grande contribuição que eu acho que a revista trouxe para essa questão da diversidade: aproximar os *campi* num objetivo único, você trabalha com um espaço único, igual para todo mundo, para que todos possam relatar suas experiências, relatar a sua diversidade. É como se tivéssemos falando aquele antigo lema de quando começamos, é a unidade na diversidade, precisamos criar uma unidade. E como criamos essa unidade? Tendo programas comuns, ações comuns, mas repercutidas dentro das suas diversidades. As pessoas brincavam com a gente “ah, mas isso é uma loucura, uma utopia”. Não, não é uma utopia. Você faz, é difícil construir, exige muito diálogo, muita construção, o que ocorreu também na formatação da revista. Qual é a grande dificuldade? É que quando você tem que construir uma solução que abranja a diversidade de todos os *campi*, isso leva muito mais tempo e às vezes os diretores de *campus* ou as pessoas responsáveis pela gestão do *campus* não querem contribuir para a unidade. Porque é demorado, é dificultoso, é dialogado, você constrói um dia aqui e no outro dia tem que voltar e dizer não é mais assim, tem que ser de outra forma para contemplar outro *campus*. Essa é a grande dificuldade da diversidade, de trabalhar com a unidade na diversidade, mas também é a coisa mais bonita que tem. E quando você consegue construir, você consegue elaborar uma revista que propicia um espaço igual para todas as ações de extensão, todos os relatos de experiências, para todos aqueles que querem contribuir para extensão, eu acho que é um objetivo que se atinge. É uma coisa que você faz e pensa assim: deu resultado. E a revista está aí, ela está fazendo 10 anos e significa que ela está consolidada como uma revista de extensão, porque senão ela não teria durado tanto tempo.

Viviane - Eu endosso suas palavras, Cláudia, é bem isso. É muito difícil a gente trabalhar com essa diversidade de tudo, de realidades, em todos os sentidos, o nosso Instituto é muito rico nessa diversidade. Porque temos *campi* essencialmente agrícolas, como é o caso do meu, Sertão, que é um *campus* na zona rural, com alunos morando dentro da instituição, com área de terra para produzir, como é o caso de Sertão, Bento e Ibirubá, e além de tudo isso, de todas essas questões de infraestrutura diversas, a gente tinha também a questão da vocação regional. Nós precisamos atender a vocação regional, fomos criados para atender os arranjos produtivos locais. E como nós estamos espalhados de norte a sul, de leste a oeste do Rio Grande do Sul, temos realidades muito diferentes nas regiões onde estamos sediados. A diversidade é muito grande, mas também muito rica, e precisávamos construir uma instituição que fosse única com toda essa riqueza da diversidade. Nas reuniões com os diretores, cansamos de usar a expressão “não somos uma confederação de *campus*, somos um IF”, cada um precisava ceder um pouquinho para a constituição, para a identidade institucional que tem que ser única. E como isso foi retratado ao longo do tempo na revista? O primeiro número vocês viram que

foi um relato do SAS, mas o segundo número era para ter tido um espaço reservado para cada *campus* publicar o que fosse mais relevante em termos de extensão, seja um calendário de eventos, seja o relato de alguma coisa que aconteceu. Era para ter uma seção para cada *campus*, e isso não aconteceu. Porque assim como tínhamos *campus* que queriam mostrar a sua realidade, o que estavam fazendo, outros não tinham interesse. Então do segundo para o terceiro a gente mudou totalmente, mudou as seções da revista, começamos a trabalhar com relato, entrevista e artigo com convidados sobre o tema da revista, que foi a forma que mais deu certo. No momento que cada um tem liberdade para mostrar o que está fazendo, está colaborando para divulgar seu *campus*, as suas ações, ao longo desse tempo todo. Então acredito que a revista é um dos equipamentos que temos para poder construir, desenvolver essa instituição plural, assim como todas as outras revistas, não só especificamente a Viver IFRS. Tudo que você tem para juntar o que se produz no instituto, o que meu colega de Rio Grande faz para eu poder saber aqui em Sertão ou em Erechim; o que eu faço em Bento para o colega de Osório poder saber, tem que ser através das publicações e dos eventos, como o caso do Salão.

Viver - Quais as principais mudanças que vocês identificam na revista Viver IFRS, de 2013 até agora, desde o seu projeto gráfico, temas abordados? Na verdade vocês já falaram um pouco, mas o que mais teriam a destacar nesse sentido?

Viviane - Já foram publicadas nove edições, cinco na minha gestão e quatro depois. O projeto visual, toda a questão gráfica foi mudada totalmente, a forma de divulgação foi mudada. Uma vez tivemos recurso para imprimir e depois não tivemos mais. Tivemos que publicar na plataforma. A perda disso, para mim, é significativa, porque a revista impressa chegava em mais lugares, alcançava mais pessoas. A Claudia, por exemplo, ia para uma reunião em Brasília com os reitores, levava uma revista e distribuía para os 38 institutos Federais e mais os Centros Federais de Educação Tecnológica (Cefets). Assim, todo mundo tinha acesso às nossas ações, ao que estávamos fazendo. Com a plataforma é muito fácil de gerenciar, é muito legal, mas ela ficou mais inacessível, no meu ponto de vista. Sobre os temas abordados, a revista na nossa época era por temática, por pilar da extensão. Eram abordadas a questão da acessibilidade e da inclusão, a questão do meio ambiente, da internacionalização, que foi o terceiro número. Escolhíamos um tema importante para o artigo principal e uma pessoa para entrevistar, que dominasse aquele tema. Achei bem louvável a questão da divulgação do que foi feito durante a pandemia de Covid. Acho que foi um tema muito bem pensado e escolhido.

Cláudia - Eu acho que a revista passou por uma adequação normal, de layout mais moderno para atingir mais as pessoas, ela ficou mais colorida. Acho que as mudanças são necessárias. Como estamos afastadas da gestão já faz algum tempo, fica difícil a gente entender os motivos das alterações: abertura para público externo, colaboradores de outros institutos, também das vivências de ações indissociáveis. É importante a gente entender porque houve essa alteração. Se há necessidade de interagir coletivamente com os outros institutos e outros colaboradores.

Viviane - O projeto gráfico dela foi uma das melhores, das maiores inovações que a gente fez, deixou a revista linda, pena que ela não é mais publicada impressa.

Cláudia - Nesse aspecto eu concordo contigo (Viviane). Uma das coisas que mais compartilhamos no CONIF, nas reuniões do Conselho dos Reitores, eram as publicações e coisas feitas pelas outras instituições. E isso sempre agregava, porque olhávamos uma coisa e dizíamos assim: que legal, o Instituto lá do Sergipe está fazendo isso, o Instituto do Distrito Federal está fazendo aquilo, quem sabe possamos fazer também. Vamos ver, discutir. Era interessante, a gente acabava fazendo um

processo de benchmarking. Era para dentro dos institutos, mas era legal, porque fazia com que as pessoas olhassem e dissessem: “Que interessante, eu quero conhecer essa experiência!”. Que é uma das coisas mais ricas que fazemos em rede: o compartilhamento de experiências. Eu acho que é importante compartilhar experiências entre os institutos federais, porque aprendemos muito. Muitas vezes um *campus* que tem uma realidade, por exemplo do IFSUL, pode ter a mesma realidade de um *campus* nosso, em termos de cidade, de economia, de desenvolvimento regional. Mas o importante é que isso chegue, porque a revista digital acaba não tendo a mesma circulação. Por exemplo, imagina o impacto que tem uma revista publicada fisicamente dos três institutos, nas entradas das unidades. Para quem chega, para quem manuseia a revista, para quem lê. Virtualmente ela provavelmente não tem a mesma entrada nas comunidades, que era um dos objetivos principais. Porque as pessoas não acessam. A publicação física da revista era uma coisa muito interessante que se perdeu. É uma mudança que traz prejuízo à ideia original.

Viviane - Sim, eu quero ressaltar que essa publicação da revista na plataforma de periódicos do IFRS aconteceu ainda na minha gestão, com meu aval. Achei excelente a ideia, foi ótima. Mas falta a publicação física, ou seja, ela tinha que ser publicada das duas formas.

Viver - Essa questão das ações indissociáveis que agora podem ser compartilhadas pelos estudantes e servidores de qualquer uma das três instituições do RS. É uma forma de tentar reforçar a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, de tentar reforçar a importância da extensão?

Viviane - A indissociabilidade teria que ocorrer em todas as ações de extensão. Isso não tinha que ser exceção, tinha que ser regra na ação de extensão. Eu acho que é fundamental que as vivências de ações indissociáveis estejam dentro da nossa revista de extensão. Que bom se toda a nossa revista de extensão fosse de ações indissociáveis. Porque a extensão é um dos pilares da educação, junto com a pesquisa e o ensino, ela faz parte da formação do estudante. Todas as ações teriam que ser indissociáveis. Quando eu estava na Pró-reitoria, batalhava muito para explicar que a ação de extensão nasce de um problema que a gente detecta na comunidade. Aí, nós levamos esse problema para dentro da instituição e usamos a pesquisa para averiguar, para fazer diagnósticos, para procurar outras bases sobre aquele assunto, pesquisa bibliográfica, pesquisa de campo. Enfim, vamos ter que fazer pesquisas para resolver aquele problema. Assim, precisamos do pilar do ensino para nos ensinar a base daquele problema, o que precisamos para resolver aquele problema. Então acho fantástico, é uma evolução da revista que tem que ser aplaudida, que tem que ser louvada, porque o caminho teria que ser esse. Cada vez mais a gente termina com a extensão na caixinha individualizada e passa para a indissociabilidade. E as experiências dos outros institutos são muito importantes, a gente sempre aprende. Quando vamos a um evento aprendemos muito com a troca de experiências. É assim que funciona também com as instituições.

Cláudia - Na realidade não à toa que, por exemplo, dentro da Reditec¹ tem uma parte que se chama de boas práticas. O que são as boas práticas? Boa prática nada mais é do que trazer a vivência do cotidiano para compartilhar com os outros institutos, para que os outros vejam como a sua instituição fez. Muitas delas não são ações de extensão, são ações de gestão. Mas é isso, é como se aprende. Quando começamos, eu sempre dizia, temos que aprender com quem faz, quem não faz não tem nada para contribuir. Mas quem faz, precisamos saber como eles fazem, de que forma eles constroem, como

¹ Reditec: Reunião dos Dirigentes das Instituições de Educação Profissional e Tecnológica.

é que eles construíram isso coletivamente, como é que aprovaram isso no Conselho Superior, qual é a normatização que eles usam. Essa é a questão.

Viver IFRS - Quais as perspectivas para a Viver IFRS nos próximos anos?

Cláudia - Eu acho que o futuro da revista deve estar atrelado à questão do projeto e da lei dos Institutos Federais. Ou seja, nós não podemos abrir mão disso. Se nós abrirmos mão dessa configuração, ali na frente abrirmos mão de outras coisas. Então, nós não podemos perder de vista que a extensão é fundamental, é pilar fundamental dos Institutos Federais. Assim como a pesquisa, assim como a qualidade no ensino. Por isso nós temos que manter a revista viva. Nós temos que fazer, temos que incentivar, para que as pessoas publiquem.

Viviane - É isso aí! A minha perspectiva é que ela continue, que ela tenha vida longa e continue sendo aquilo que se propôs quando foi criada. Eu acho que é uma questão importante fazer coisas curtas, com fotos e com pouco texto, que as pessoas gostem de saber, mas não necessariamente queiram se aprofundar naquele assunto. Quais são as potencialidades do instituto, o que pode ser feito, o que está se fazendo? Eu achei um negócio legal lá, que o *Campus Feliz* fez. Bom, mas aqui a minha realidade é outra, mas eu posso pegar algumas coisas e propor aqui alguma ação semelhante, parecida.